

# **O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA COMO MEDIADOR DE CONFLITOS INTERPESSOAIS NA SALA DE AULA**

Jéssica Caroline da Silva Marinho <sup>1</sup>  
[jessicamarinho31@hotmail.com](mailto:jessicamarinho31@hotmail.com)

Suzana de Alencar Cavalcante <sup>2</sup>

## **RESUMO**

Este estudo se propõe a pesquisar o professor de Educação Física como mediador de conflitos interpessoais em sala de aula, entendendo o ambiente escolar como um local propício ao surgimento de conflitos, espaço que compõe e comporta uma grande quantidade de pessoas, com diferentes costumes e tradições. Estes conflitos podem ocorrer pelos mais diversos motivos, sejam eles relacionados à cor, a raça, etnia, sexualidade, entre outros, e são inerentes às relações humanas. Na escola, os conflitos podem ser momentos que oportunizam aprendizagem tanto para o professor quanto para o aluno, como lidar com esses tipos de problemas, preconceitos pode-se reverter em crescimento pessoal. Este trabalho tem como objetivo pesquisar o professor de Educação Física como mediador de conflitos interpessoais. A pesquisa está construída no modelo etnográfico exploratório, realizada através de observação e entrevista semiestruturada a professores de Educação Física da instituição. Os resultados mostram que os professores resolvem os conflitos dentro de uma lógica própria e pessoal, dificultando a valorização e o desenvolvimento de um ambiente sócio moral cooperativo.

**Palavras-chave:** Professor de Educação Física. Conflitos Interpessoais. Resolução de Conflitos.

## **1 INTRODUÇÃO**

O trabalho tem como tema o professor de Educação Física como mediador de conflitos interpessoais na sala de aula e tem a intenção de pesquisar a postura do professor de Educação Física diante de conflitos interpessoais gerados no âmbito escolar, especificamente durante as aulas.

Neste contexto, a escola se caracteriza como um local de formação acadêmica e cidadã, sendo muitas vezes o primeiro local onde a criança lida com situações adversas a sua realidade e cultura, a escola também é responsável por instigar o raciocínio crítico, permitindo discutir sobre as diversidades que envolvem o ser humano em toda sua complexidade.

Sendo assim, Maturano (2012) defende a ideia de que a escola é o primeiro dos ambientes fora do seio familiar, ao qual o educando lida com as mais diversas situações

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Docência do Ensino Superior -UNILEÃO

<sup>2</sup> Mestre em desenvolvimento regional sustentável - UFCA

e realidades, é também o ambiente no qual o educando passa a interagir com outras pessoas com os mais diversos costumes e tradições, e é a partir daí que ele aprenderá a interagir com os outros, mesmo neste ambiente, no qual ele formará seu caráter e personalidade.

Para Betti e Zuliani (2002) a Educação Física é vista como uma importante ferramenta no processo de educação das crianças e dos jovens, uma vez que, ajuda as mesmas a ter conhecimento sobre seu próprio corpo, além de desenvolver a coordenação motora e os demais processos de desenvolvimento corporal e pessoal. Kunz (2005) menciona que com o passar dos anos a Educação Física foi passando por transformações na sua pedagogia, e uma concepção sob um novo olhar foi à abordagem crítico-emancipatória, que é compreendida como uma concepção educacional da educação física, que dispõe sobre o dever do professor de procurar promover a cooperação entre os alunos, preocupando-se em promover a reflexão e compreensão dos mesmos sobre os diferentes papéis sócias que o esporte representa, favorecendo o processo de aprendizagem e promovendo a autonomia do aluno nesse processo.

Com o passar dos anos a Educação Física passou por transformações pedagógicas, ampliando o papel dos professores para além dos conteúdos formais propostos, os quais além de passar conhecimento para seus alunos, sentem na pele a necessidade de orientar e organizar relações entre alunos, construindo o papel de mediador de conflitos em sala de aula.

Os conflitos que acontecem pelos encontros das diversidades de diferenças sociais e culturais no âmbito escolar sejam elas relacionados à cor, raça, etnia, sexualidade, entre outras, é considerado para Nicolau (2000) como o conjunto de situações que envolvem as principais diversidades já citadas, onde há divergências de opiniões entre pessoas ou grupos, em alguns casos recorrendo à força e a violência para defender princípios e/ ou ponto de vista.

Nessa concepção os conflitos ocorrem devido à diversidade de diferenças (cor, raça, etnia, sexualidade, entre outros) e tradições por exemplo, nas aulas de Educação Física onde os conflitos relacionados ao porte físico nos jogos e atividades ficam mais evidentes. Isso ocorre quando se agrupam pessoas como na comunidade escolar, e que em prol de defender alguns pontos de vistas acabam provocando conflitos.

Nesse contexto, o professor além de ser um mediador de conhecimentos, precisa também ser tornar um mediador de conflitos, na tentativa de resolver da melhor maneira

possível as situações conflitantes entre alunos e ao mesmo tempo um ambiente harmônico e propício as práticas de ensino-aprendizado em sala de aula.

A partir desse contexto, encontra-se a figura do professor de Educação Física como facilitador das relações interpessoais. O professor deixa de ser apenas transmissor do conhecimento e passou a ser mediador de questões relacionais, assim, possibilitando a melhor interação entre o professor e aluno e entre os próprios alunos.

Em virtude do que foi acima mencionado, e considerando a figura do professor de Educação Física como um potencial facilitador ou mediador de conflitos interpessoais na escola, durante as aulas de educação física, o presente inquérito coloca em pauta possíveis indagações para este tema, perguntas norteadoras como: Existem conflitos interpessoais na escola E.E.M Governador Adauto Bezerra? Os professores de Educação Física da escola fazem mediação de conflitos interpessoais na sala de aula?

O interesse pela mediação de conflitos na Educação Física escolar, surgiu mediante a reflexão realizada durante atuações nos estágios supervisionados, em que a intervenção se fazia essencial em situações rotineiras, mas de grandes consequências. Também foi motivado por questões pessoais, pois pelo fato de ser estudante de Educação Física, essa poderá ser uma realidade a ser vivenciada em sala de aula durante o processo de atuação como docente. Busca-se com esse estudo instigar a discussão e contribuir com os estudos que já existem em torno da mediação de conflitos.

Para orientar o desenvolvimento da investigação propõe-se o objetivo geral, que é: Investigar o professor de Educação Física como mediador de conflitos interpessoais. E para alcançar também os objetivos específicos se busca: Compreender o que é mediação de conflitos e se ocorre na escola; pesquisar se o professor de Educação Física media os conflitos interpessoais durante as aulas de Educação Física.

A metodologia utilizada baseia-se no modelo etnográfico exploratório, realizada através de observação e entrevista semiestruturada a três professores de Educação Física de uma escola da rede estadual de ensino, localizada na Metrópole Juazeiro do Norte-CE.

Este estudo pretende contribuir para a formação de outros profissionais da área ou pessoas que se interessem pelo assunto, possibilitando o desenvolvimento de competências, de análises, de reflexão sobre as práticas de natureza mediadora: prever, antecipar, remediar e reconhecer conflitos e utilizar as melhores e eficazes estratégias.

Para melhor compreensão da pesquisa, o trabalho escrito está dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo faz uma breve introdução acerca do tema, apresenta à justificativa, objetivos e metodologia; o segundo capítulo retrata a Educação Física,

realizando considerações sobre a educação propriamente dita e a escola, a Educação Física escolar e qual a finalidade dela, citando teorias de abordagens que subsidiam a postura dos professores em relação a essa disciplina. O terceiro capítulo ressalta o professor de Educação Física na escola, a relação com os discentes. O quarto capítulo detalha os procedimentos teórico-metodológicos e da realização da pesquisa de campo.

## **2 A ESCOLA, A EDUCAÇÃO FÍSICA E O PROFESSOR NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

A escola é o ambiente que permite as crianças e jovens adquirir os mais diversos aprendizados, os quais irão levar para toda vida. Nicolau (2000) menciona que a escola é o espaço em que se busca trazer conhecimentos para os jovens de forma simplificada, buscando fazer das coisas que são consideradas complexas algo mais fácil de assimilar.

Furlan (2020) acredita que a ideologia que deve ter o professor para ensinar, ideologia essa de não acreditar que os sonhos morreram em meio a uma sociedade capitalista, na qual todos buscam o lucro e prezam pela praticidade e rapidez, e o que é válido hoje é o pragmatismo pedagógico. Para ser professor, além de ensinar é necessário ter uma preocupação com a natureza humana. A escola tem a função de coordenar e proporcionar a cada indivíduo a real noção das diversas influências dos vários meios sociais que ele vive e como cada realidade influi no contexto educacional, além de proporcionar uma formação que o torne um sujeito ativo com clareza da sua condição no mundo.

No contexto das aulas de Educação Física, Canestraro (2009) menciona que as aulas de EF usualmente é vista somente como um instante de distração e desempenho de esporte. Pode-se constatar que a prioridade na aquisição de instrumentos pedagógicos não tem um favoritismo na hora de obter, sempre veem as bolas e cordas por exemplo, como material como razoável para aprimorar as atividades do currículo.

Como mencionado, as aulas de Educação Física são vistas por grande parte das pessoas, apenas como uma aula de distração através da prática de esporte, o que acaba por limitar os materiais disponíveis para essas aulas. Entender os principais obstáculos enfrentados pelos professores de EF, averiguar suas consequências e fortalecer procedimentos pedagógicos reais para esclarecê-los é considerável para que se realize seu trabalho com sucesso.

A disciplina Educação Física (EF) e seus conteúdos constituem uma parcela do currículo escolar, estando inclusa como uma matéria regulamentada, sendo destinada no

mínimo duas horas por semana para seu propósito. A escola necessita preparar a criança para o estágio adulto, suas precisões e situações de progresso estipuladas pelas atividades ofertadas e utilizadas no decorrer das aulas.

A priorização da Educação Física Escolar (EFE) na pré-escola e nos períodos iniciais transportou a preocupação e as indagações sobre os conteúdos e o avanço dos discentes. “O enfoque passou a ser o desenvolvimento psicomotor do aluno, tirando da escola a função de promover os esportes de alto rendimento” (PCN’s, 1997, p.22).

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI, ZULIANI, 2002, p.74).

Assim é preciso o envolvimento de professores formados e qualificados na área, estes que se puseram em posicionamento de aprendizado e geraram circunstâncias para exercer diante as necessidades dos discentes e da escola.

Os quais se propiciaram para guiar e administrar circunstâncias relacionadas aos alunos, detectando suas dificuldades e lutando para um melhor aprendizado, com benefícios dos conteúdos e relacionando-os a outras matérias e contestações diárias.

Grespan (2002) explana a utilidade de proporcionar aos alunos das séries iniciais uma variedade de movimentos para que eles sejam capazes de chegar a etapas consecutivas do desenvolvimento das predisposições e das habilidades motoras.

As aulas de EF em seu papel encontram-se muito debatido por vários autores, diversas intervenções são realizadas e a procura por desvendar quais são as funções de cada protagonista nesta trajetória.

Etchepare; Pereira e Zinn (2003) citado por Branco (2012, p.17) compreendem que:

Desta forma é importante saber de que forma as propostas pedagógicas estão sendo seguidas, pela dificuldade que passam as escolas, principalmente as públicas, onde as aulas são ministradas muitas vezes em condições muito difíceis e até mesmo precárias, considerando que a maioria das nossas escolas não possui quadras cobertas nem salas vagas para aulas teóricas de Educação Física. Porém não se pode negar o direito dos alunos vivenciarem certas atividades, mesmo porque muitos não terão mais esta oportunidade em outros períodos escolares ou fora da escola.

Nesse conceito, defende-se a ideia de que o conflito sempre existiu e sempre existirá, pois o mesmo deverá ser visto como natural, o que pode ser trabalhado, porém, é a forma de encarar esses conflitos, é necessário transformá-los em oportunidades para a aquisição de valores. Para Souza (2013, p.4)

[...] as desavenças são encaradas como positivas e necessárias, mesmo que desgastantes. Elas surgem principalmente na troca de pontos de vista e só são possíveis pela interação social. Sua ausência reflete relações de respeito unilateral, onde raramente há discordâncias, brigas ou discussões, pois apenas uma das partes detém a autoridade, o poder, a razão (VINHA, 2000).

Para DeVries e Zan, os mesmos também veem os conflitos como inevitáveis, pois para eles, os conflitos são essenciais para que os educandos recebam uma educação para a vida e para que estejam aptos a agirem de forma autônoma. Eles acreditam que essas situações conflituosas são naturalmente advindas das brincadeiras e jogos. Souza (2013, p.6) concorda com essa concepção quando afirma que:

Pensando assim, percebemos o quanto a situação de jogo pode ser rica quando nos referimos ao favorecimento do desenvolvimento da autonomia. No jogo, crianças defendem seus pontos de vista, seus anseios e suas vontades, tendo também, que coordenar a mesma situação vinda de seus pares; discutem regras, elaboram estratégias, concordam, discordam e têm que, assim, chegar a um consenso. À medida que o vivenciam, as crianças têm a oportunidade de criar regras e discutir sobre a sua presença ou a falta delas. Entram em conflito quanto ao seu cumprimento e discutem a justiça, ou seja, confrontam pontos de vista e interesses. Porém, essas ações são complexas e exigem muito planejamento por parte dos professores, no que diz respeito à dimensão atitudinal do conteúdo trabalhado. Muitos são os conflitos existentes nas aulas e são originados pelos mais diversos motivos: vontade de vencer os jogos; dificuldade em lidar com as diferenças de habilidades presentes no grupo; não aceitação das condições e das características físicas que dificultam o desenvolvimento das competências esportivas; entre outras (FREIRE, 2013).

Entende-se com isso que os conflitos são inerentes às práticas e vivências em sala de aula, no entanto cabe ao professor saber mediá-los e até mesmo saber tirar os ensinamentos que educandos levarão para toda vida, mediante tal realidade vivenciada.

Depois de exposto toda o percurso sobre a Educação Física, o professor e aspectos históricos, o próximo capítulo ressalta sobre a mediação de conflitos, apresentando o que é a mediação e como ocorre.

### **3 DOCÊNCIA, INTELIGÊNCIA EMOCIONAL E A MEDIAÇÃO DE CONFLITOS EM SALA DE AULA**

Conforme Dantas (2017) a inteligência emocional representa de 85 a 90% das diferenças entre líderes de destaque e os demais. Todavia isso não simboliza que as capacidades intelectuais não sejam fundamentais, faz-se importante conhecer e desenvolver métodos para lidar com os conhecimentos de maneira ágil e competente proferindo essa inteligência aos outros, ao professor é conferido o poder diante de sua profissão de influenciar e motivar os indivíduos e assim fazer com que eles tenham confiança e consequentemente seu trabalho possua credibilidade. No caso devem dispor de um equilíbrio nas emoções, sendo capacitados a ficar serenos em circunstâncias de estresse, possuindo controle emocional e consequentemente conseguindo ponderar de forma ampla mesmo diante de situações de intimidação.

Os sentimentos, as emoções são considerados transmissíveis, desse modo torna-se imprescindível que os professores possuam uma agilidade de administrar suas emoções, uma vez que o docente é visto como um controlador das mesmas de seus alunos, ou seja de todos que estão ao seu redor e pode instigar o humor e consequentemente o rendimento e eficácia de seus discentes (DAMÁSIO, 2018).

Ainda em conformidade com os estudos realizados por Damásio (2018) essas emoções são consideradas pontos importantes da inteligência emocional que são transmissíveis aos alunos, no qual revela que os docentes operam como já foi dito, um controlador das inteligências e emoções a frente de seu grupo.

Nesse contexto, a inteligência emocional consegue ser desenvolvida em qualquer âmbito da vida, cabendo então reconhecer como os alunos se sentem e ao mesmo tempo como eles percebem e utilizam suas emoções, alicerce dos pensamentos e assimilar o fundamento das mesmas e assim saber administrá-las em circunstâncias de ter que tomar algum tipo de decisão (GOLEMAN, BOYATZIS, 2018).

Nessa circunstância, o desempenho docente tem uma estrutura diferente do que na maior parte das vezes, é estabelecido. Não sendo mais o bastante entender exclusivamente o que o aluno já sabe, o exercício da docência compromete-se na estruturação de ligações comunicativas que possibilitem a solidificação de atividades psicológicas em evolução (FURLAN, 2017).

A sala de aula acabou se tornando um local de ocorrências pessoais e interpessoais devido ao crescimento da violência social e aos vários conflitos existentes

na escola, e as famílias passaram a vê-la como “locus” de resolução, sendo os fatores externos um dos principais causadores desses conflitos. (GOMES, 2017).

Como mencionado por Silva (2016) algumas questões externas como: crenças, costumes, tradições e vivências na comunidade em torno do educando acabam interferindo e gerando conflitos em sala de aula, a falta de tempo dos pais e responsáveis acaba interferindo no processo de educação de crianças e jovens, pois como se sabe alguns pais acabam não tendo tempo para interagir com os professores para acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos. Como se sabe, cabe a família e a escola o processo de educação desses discentes e que por isso, ambos precisam trabalhar em conjunto.

Além dos citados acima podemos dividir os conflitos em agressivos em formato de coerção causando danos, prejuízo físicos ou não ao próximo. Pode ser também assertivo, no qual envolve os sentimentos e consequentemente de submissão, onde geralmente ocorre bullying, um aluno as vezes chega a obedecer a outro que mais dito popular no ambiente.

Por estar inserido nesse contexto e vivenciar as várias situações de conflitos escolares que envolvem pais, alunos e comunidade e tentar compreender como a escola lida com todos esses fatores que contribuem para desencadear o processo de violência, que afeta a família, a escola e a sociedade, é que se procura entender a importância do papel do professor mediador nesse processo; qual sua contribuição nas resoluções dos problemas pessoais, familiares, sociais e educacionais e como seu trabalho profissional possibilita relações positivas de convivência social que superam esses conflitos (SILVA, 2016).

Ainda de acordo com os estudos de Gomes (2017) escola deve implantar propostas que diminuam essas situações. Assim, o papel do professor promotor do ensino/aprendizagem toma outro foco, que é o de ser o responsável para mediar situações, para recuperar valores sociais, afetivos e culturais, que possibilitem ao indivíduo um desenvolvimento transformador.

A contribuição do professor mediador nas escolas deve acontecer em conjunto com a equipe escolar, com o propósito de atuar na prevenção e mediação de conflitos. Segundo essa Resolução, o trabalho do professor mediador é amparado sob os princípios da Justiça Restaurativa, estabelecidos pelas Nações Unidas. Esses princípios são essencialmente pedagógicos, como a prática da dignidade, do respeito, do diálogo, da participação e da esperança que devem ser promovidos dentro do ambiente escolar. O professor mediador tem de ter uma escuta pedagógica capaz de perceber que as

divergências, as relações e os conflitos precisam ser trabalhados de maneira que possibilitem relações de convivências saudáveis (SILVA, 2017).

Quinquiolo (2017), menciona que antigamente a escola era considerada o espaço em que as crianças frequentavam apenas para adquirir conhecimentos, no entanto devido as mudanças da sociedade a escola passou a ser considerada uma extensão familiar, na qual a criança não aprende apenas a ler e escrever como também o espaço no qual a criança desenvolve seu intelecto e personalidade. No entanto, é também nesse espaço que ocorrem os conflitos, devido a interação de muitas pessoas ao mesmo tempo, mas, faz-se necessário ver esses conflitos não de uma maneira negativa, mas de uma forma construtiva, que permita adquirir alguns aprendizados.

Situações de conflito são inerentes a condição humana e estão presentes em todos os meios de convívio da humanidade, sejam eles conflitos de ordem pessoal, que se baseiam na insatisfação a partir da análise e avaliação das próprias atitudes ou conflitos de ordem interativa, que estão relacionados a situações de desagrado ou discordância envolvendo outros indivíduos. De qualquer forma, os conflitos nos dão a possibilidade de analisar as situações de diferenças e delas tirarmos resultados que propiciem o crescimento, desenvolvimento e amadurecimento da nossa personalidade (QUINQUIOLO, 2017, p. 119).

Ainda consoante aos estudos de Quinquiolo (2017) afirma que o conflito é intrínseco aos humanos e que pode estar presente em todas as esferas de convívio na sociedade, mas ele acredita que essas situações de conflitos dão a possibilidade de crescimento, desenvolvimento e amadurecimento da personalidade.

Como pode ser percebido o próprio conceito de conflito pode ser visto de diferentes formas, há quem acredite que o conflito seja algo construtivo e até mesmo um processo importante para a construção da personalidade, enquanto existem aqueles que veem unicamente como algo violento e negativo (NICOLAU, 2018).

Dessa forma o professor e os demais envolvidos no processo de educação em especial na educação infantil, são vistos como protagonistas, pois acredita-se que suas atitudes e suas ações em sala de aula irão influenciar não só no momento presente, mas que poderão influenciar no decorrer de toda vida do educando. Sendo assim, o professor necessita estar muito preparado para ocupar tal cargo de maneira coerente. Santos e Cols (2014) citado por Quinquiolo (2017, p.123) afirma que:

Dentro da nova visão educacional em discussão hoje no Brasil e considerando o papel do professor na formação do aluno, os educadores podem e devem promover relações cooperativas entre as crianças, incentivando a participação

na resolução do problema. É a cooperação que leva a formação do sentimento genuíno de seguir uma norma por dever (e não apenas conforme o dever) e a habilidade de coordenar diferentes pontos de vista para, por exemplo, agir de maneira mais justa.

Nota-se que nessa concepção, o professor é visto como uma figura que tem sobre si a responsabilidade não só de ensinar sua disciplina, o que esperam do mesmo é que ele seja educador, mediador de conflitos e que esteja apto a formar personalidades. Por isso, vale destacar que:

Em um universo de oito mil pessoas, 15,7% foram acometidos pelo quadro, enquanto 29,8% dos docentes pesquisados se encontravam em estado de exaustão emocional, ou seja, em nível crítico; outros achados do estudo, como 31,2% evidenciaram a baixa realização profissional e 14% demonstraram altos níveis de despersonalização, fortalecem a noção de vulnerabilidade emocional do profissional da educação (LEITE; LÖHR, 2012, p. 579)

Sabe-se que na tentativa de cumprir com as atribuições que competem ao professor, os mesmos acabam provocando prejuízos a própria saúde. Cabendo aqui destacar que a mediação de conflitos tem aspectos positivos e negativos, dependendo da maneira em que se observa.

Enfim, percebe-se a partir daí o quanto a figura do professor é importante, não só como um mero transmissor de conhecimentos, e sim como um mediador de conflitos e as demais qualidades inerentes aqueles que educam e que ajudam a formar a personalidade e senso crítico de crianças e jovens.

#### **4 METODOLOGIA**

Neste capítulo objetiva-se apresentar e discorrer o percurso teórico-metodológico do estudo, esmiuçando as fases da pesquisa no decorrer da investigação, que se constitui através do primeiro contato com a escola e as primeiras observações até a realização da coleta de dados. Dessa forma, o material teórico, bem como, as respectivas análises foram organizadas no relatório componente do estudo que se culminou neste trabalho.

Este trabalho, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, que busca “compreender os fenômenos estudados segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo” (GODOY, 1995, p.58), isto é, compreender, interpretar e classificar os comportamentos, opiniões e expectativas de cada participante da população estudada.

Para melhor compreensão Diehl e Tatim (2004, p.52) afirmam que “Os estudos qualitativos podem descrever a complexidade de determinado problema e a interação de certas variáveis, compreender e classificar os processos dinâmicos vividos por grupos sociais [...]”, ou seja, para isto acontecer foi permitido a aproximação necessária com o objeto do estudo para a obtenção de informações para um embasamento sólido.

Desse modo, a compreensão sobre esses fenômenos que envolvem atitude se torna mais simples, conhecendo a realidade dos alunos no que se refere as questões relacionais e as atitudes referente as diversidades encontradas nos âmbitos escolares, assim como observar as particularidades dos professores ao enfrentar cada situação relativo aos conflitos.

Para compreender o assunto colocado em pauta para a discussão, foi necessária uma pesquisa bibliográfica minuciosa, realizadas em artigos, sites, livros e dissertações selecionadas de acordo com a linha de pesquisa, corroborando com o pensamento de Fonseca (2002, p. 32) onde ressalta que a pesquisa bibliográfica “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto [...]”.

Ainda sobre o estudo bibliográfico, através de um acervo variado oportunizou a leitura de trabalhos disponíveis que tratam sobre o mesmo tema, construindo um embasamento conceitual para o trabalho de forma geral, apesar dos trabalhos falarem sobre mediação sendo voltados para outras áreas e/ou disciplinas.

O estudo se caracterizou como exploratório, pois permite uma maior aproximação entre o pesquisador e o tema pesquisado, para melhor compreensão sobre um assunto pouco conhecido, desse modo “[...] buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, portanto ela seria um passo inicial para o projeto de pesquisa”. A pesquisa exploratória é recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado (CERVO; BERVIAN; DA SILVA, 2007, p.61).

Para interligar a teoria à prática a pesquisa de campo foi fundamental, pois segundo o autor José Filho (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”.

Dessa maneira o pesquisador deve vivenciar o cotidiano da população estudada e entender os significados oferecido pela comunidade, bem como participar de tudo que

eles oferecem, oportunizando o conhecimento da realidade dos sujeitos da pesquisa tornando o pesquisador mais próximo.

A pesquisa ficou delimitada na etnografia, pois para realizá-la “[...] é necessário que o investigador vá ao campo onde vivem os sujeitos da ação que se deseja revelar, permanecendo ali por um tempo prolongado que lhe permita penetrar na vida cotidiana e tornar visíveis os distintos significados e ações que ocorrem em seu interior” (CALDEIRA, 1995, p. 8).

Seguindo esse mesmo pensamento o autor Gonsalves (2001, p.67) ressaltando que, “A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]”.

A coleta de dados foi realizada através de observações e entrevistas com os quatro professores de Educação Física da escola estadual, E.E.M Governador Adauto Bezerra, localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE, no qual durante a apresentação da discussão não foram expostos os nomes para que as identidades dos professores fossem preservadas. A escolha do local justifica-se pelo interesse da autora pela mediação de conflitos na Educação Física escolar se deu por causa de uma breve atuação como docente nessa instituição através do estágio supervisionado, onde deparou-se com situações conflituosas no que diz respeito a interpessoalidade.

A pesquisa de campo foi de fácil acesso pois é uma escola popularmente conhecida e com o corpo gestor disposto a contribuir com a apuração de informações relevantes para compor este estudo. Partindo da primeira visita para a observação realizada em setembro de 2017 passou inicialmente por um processo de uma breve explicação sobre o tema do trabalho, os objetivos, a metodologia para que a coordenação ciente da investigação autorizasse a inclusão da instituição na busca de respostas em que foi concluída no prazo de um mês.

Após a fase de explicações sobre a intenção da autora, os professores da instituição disponibilizaram suas aulas, que aconteciam uma vez por semana em cada sala, para as a investigação necessária a construção do relatório que foi construído a partir das observações e entrevistas.

A primeira parte da pesquisa de campo se deu pela observação durante as aulas de Educação Física nos três anos do ensino médio, onde iniciou com uma apresentação da autora por parte dos professores para as turmas. As participações das aulas somente

como observador, sem nenhuma interferência não causou mudanças e assim foi visto a realidade das turmas, ao mesmo tempo que sempre eram trocadas ideias com os docentes que conduziam as aulas.

As observações realizadas com três salas de níveis distintos da escola que resultou em cerca de 120 alunos aconteciam semanalmente, especificamente nas quintas-feiras pela manhã durante os meses de setembro e outubro de 2017, sendo possível coletar todas as informações sobre a convivência, as brincadeiras, os desentendimentos, dentre outras situações que envolvem conflitos na sala de aula, as atitudes e as brincadeiras entre os alunos foram registrados em forma de anotações em um diário de campo.

Porém, a entrevista com os três professores possibilitou um olhar diferenciado, pois para Barros & Lehfeld (2000, p.58) “A entrevista semiestruturada estabelece uma conversa amigável com o entrevistado, busca levantar dados que possam ser utilizados em análise qualitativa, selecionando os aspectos mais relevantes de um problema de pesquisa” foi possível revelar fatos e situações não presenciada pela autora, e as intervenções dos docentes em situações como os conflitos que podem resultar em consequências severas.

Esse pensamento entra em conformidade com Minayo (2002, p 57), pois para ele:

A entrevista é um procedimento mais usual no trabalho de campo. Por meio dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores. Ela não significa uma conversa despreocupada e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeito-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada.

A entrevista, instrumento do estudo utilizado para chegar aos objetivos traçados foi constituído de quatro perguntas simples, para o levantamento da ciência dos professores sobre os conflitos dentro das suas próprias salas de atuação e da forma que eles lidam com esses assuntos e qual a percepção do que poderia ser melhorado para reduzir as discriminações advindas das diversidades encontradas nesse espaço social que é a escola.

Ao iniciar o processo de entrevistas individuais no próprio local da investigação, mas já em uma sala reservada e sem barulhos realizou-se uma breve explicação sobre as questões, tirando as dúvidas necessárias e com as questões em mãos e a aceitação firmada por escrito através do TCLE, responder de maneira satisfatória e não equivocada os entrevistados, sendo assim, todas as questões tratadas com a mesma importância.

Depois do período de coleta de dados em que ocorreu tranquilamente e sem imprevistos, era chegado a hora de organizar e analisar as informações adquiridas, iniciando pelas transcrições das falas e observações de campo e extrair desse meio as partes relevantes para o estudo teórico anteriormente analisado.

Com o auxílio da metodologia foi coletado e discutido os resultados encontrados durante a pesquisa e está exposta no tópico abaixo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Neste tópico está a descrição detalhada das perguntas e respostas realizadas nas entrevistas pelos professores da instituição que foi realizada o estudo. A omissão dos nomes dos professores é apenas um modo de preservar suas identidades que aparecerá em seguida com os termos: Entrevistado 1, Entrevistado 2; Entrevistado 3 e Pesquisadora.

Na instituição há relatos de conflitos interpessoais? (Pesquisadora)

Não muito. No contexto entre professores há divergências de opiniões política, partidárias, mas fica conversado ao respeito, essa questão é muito visível. Em relação há conflitos entre alunos e professor, não, se tem, é em relação a comportamento que não é esperado, desacato, falta de respeito, mas sempre, bem resolvido, bem solucionado pela coordenação, os conflitos pelo menos na minha área, que eu pude perceber, são mais voltados pra comportamento e conduta, e eles são sempre resolvidos. Na instituição ainda há muito preconceito racial, inclusive a semana passada teve um grupo que fez alguns comentários desagradáveis, para um menino que tem o cabelo afro e ainda é muito comum essa questão do preconceito racial, preconceito étnico, existe um pouco, de forma bem velada um preconceito voltado pra orientação sexual, embora nos últimos anos, tenha caído mais essa questão de preconceito, porque tem se falado muito sobre a questão do respeito as diferenças, a tolerância, independente da orientação e também em relação aos estereótipos, “porque ainda é muito comum essa modalidade, isso aqui é voltado pra menina, isso aqui é pra menino”. A gente tenta trabalhar isso, para que esses estereótipos não se enraízem, porque senão não define a orientação sem saber, por conta de uma modalidade ou outra. (Entrevistado 1)

Sim. Existe vários relatos de conflitos interpessoais aqui dentro da escola, a questão de preconceito racial, diferenças de Gênero. Ao meu ver a questão mais forte é em cima desses dois, a questão de raça e de gênero que são bem visíveis. (Entrevistado 2)

Sim, costumeiramente acontece esses conflitos interpessoais principalmente de aluno com aluna, esses conflitos acontecem nas minhas aulas em pouca quantidade, as aulas de Educação Física costumam ser muito prazerosa para os alunos, então acontecem a maior parte dos conflitos em algumas atividades, principalmente atividade práticas, competitivas em que eles ficam com os ânimos bastante acirrados, aí de vez em quando acontece algum conflito, e tem também problemas internos, pessoais que tem entre eles, e de vez em quando um não gosta do outro, tem alguma rixa aí acontece isso. Já entre aluno e professor tive pouquíssimos conflitos com aluno, até nem me lembro de ter acontecido problema com aluno, há diferenças de opinião. Os tipos de conflitos

que eu mais presencio são do tipo racial, e sexual (de Gênero) e a questão do bullying que alguns alunos por ter um comportamento diferenciado dos outros, então eles não se enquadram no meio social dos outros e acabam sendo excluídos e tratados de forma diferente pelos outros alunos, esses são os tipos mais comuns. (Entrevistado 3)

Percebe-se que conforme afirmam os entrevistados existem sim relatos de conflitos interpessoais na instituição, ainda que não seja diariamente, mas que de alguma maneira em algum momento esse é um fato que ocorre, principalmente em se tratando de atividades de Educação Física. Conforme um dos entrevistados afirmou, eles costumam muito gostar das práticas e que talvez esse seja um dos motivos que não seja tão latente a observação de conflitos entre alunos, no entanto como se sabe algumas das práticas estimulam a competitividade e acabam em algum momento acirrando os ânimos, entre os alunos, mas que também é algo que facilmente é solucionado. Como relatado por eles o tipo de conflitos que surgem são mais em torno do preconceito racial e de gênero, isso em se tratando da questão entre alunos. Já da perspectiva de aluno-professor os mesmos relataram que não é tão visível essa questão de conflitos, conforme a primeira entrevistada quando existe algum relato está mais ligada a questão comportamental do aluno, mas que também é facilmente solucionado (JUNIOR, 2017).

Abaixo está a segunda pergunta realizada nas entrevistas e as respostas dadas pelos entrevistados.

Com qual frequência são observados em meio as aulas de Educação Física, conflitos interpessoais, com atos considerados racistas ou preconceituosos? (Pesquisadora)

Na Educação Física pode acontecer com mais frequência o estereótipo de Gênero, quando algum menino menciona que quer jogar Carimba, ou vôlei, as vezes há algum comentário do tipo: “só quer atividade mais leve”, “não aguenta jogar como os meninos”, e a gente tenta conversar expondo isso, que não é a modalidade que define a orientação sexual, e uma modalidade não quer dizer que é melhor que a outra, que queira dizer que ela seja pra pessoas mais fortes, mais determinadas e outra modalidade é pra pessoas mais sensíveis, cada modalidade trabalha uma atitude, um conceito e elas devem ser prescritas com base nisso. (Entrevistado 1)

Na verdade, dentro das minhas aulas mesmo, de Educação Física, não é bastante visível isso não, agora aconteceu um fato esse ano que não foi referente a questão de raça nem de gênero, na verdade não sei nem explicar porque motivo foi, mas foi dentro da minha aula uma menina que estava chegando, estava apenas com uma semana, e outra da sala, deve ter acontecido um problema com ela dentro de outras aulas e quando foi na minha aula, teve uma discussão de boca entre elas e chegaram a se agredir fisicamente, a ponto da gente separar, levar pra direção, pra direção tomar as providências cabíveis. (Entrevistado 2)

Na maioria das aulas eu não identifico esse tipo de comportamento, há brincadeiras que dão a liberdade um para o outro, mas eu não considero um conflito em si. Por aula assim, vamos supor que numa média de a cada três aula, em uma haja uma aula que tenha algum conflito. (Entrevistado 3)

Na visão dos três entrevistados não é muito visível a questão de conflitos entre alunos nas aulas de Educação Física, para eles o que em alguns momentos podem existir são alguns tipos de brincadeiras que dão espaço para alguns fatos um pouco desagradáveis, ou até mesmo um certo tipo de preconceito referente ao tipo de modalidade prática escolhida por alguns alunos, pois na visão de alguns dos discentes, algumas práticas são mais destinadas pra meninas, outras pra meninos. Ou seja, os fatos mais perceptíveis são, algumas questões como essas, mas que para os docentes estes aspectos não são vistos como formas de conflitos, e sim como diferenças de opiniões (FILHO,2021).

Seguindo as perguntas norteadoras das entrevistas temos a questão três que tem a finalidade de conhecer mais a postura do professor diante de situações conflituosas.

Que medidas você como professor (a) realiza para que haja redução desses conflitos? (Pesquisadora)

Nos primeiro anos nós trabalhamos o estudo de corporeidade, que é a visão do corpo no mundo e a gente sempre trabalha a questão de se ver de uma forma diferente, então eu trabalho com fotografias, peço para os meninos manipularem as fotos, e nessa manipulação eles podem mudar o cabelo, cor de pele, emagrecer, engordar, eles podem fazer alterações com base nas mudanças futuras, mudar o estereótipo, pra poder eles se verem de uma forma diferente, pra trabalhar a questão do respeito, e tentar colocar isso pra que eles se vejam de uma forma diferente. É uma discussão que foi permitida ser trabalhada na teoria, na prática ela acontece na intervenção quando se percebe algum conflito. (Entrevistado 1)

Conversar, explicar que a questão de aceitação das pessoas, você tem que respeitar as pessoas do jeito que elas são, e não do jeito que você quer que elas sejam, e tentar amenizar isso, quando o problema está muito sério e não tem como amenizar isso na convivência dentro da sala de aula a gente leva o problema pra o professor diretor de turma e pra direção da escola e a direção vai tomar as providências: mudar de sala, mudar de turno ou se for um caso muito sério até a questão da transferência. (Entrevistado 2)

Esse ano eu não levei nenhum aluno pra direção por problemas internos, eu costumo mandar pra coordenação alguns alunos que não costumam chegar na aula na hora: ficam nos corredores, ficam por aí nos espaços da escola, eu os envio lá para o núcleo gestor fazer uma ocorrência com eles, mas, fora isso, eu costumo conversar e informar que isso aí é errado. Alunos que costumam realizar bullying um com o outro, então se eles estiverem discutindo, procuro conversar com eles, pra que esses conflitos sejam diminuídos. No segundo ou terceiro bimestre a gente tem um conteúdo que trabalhe a corporeidade: a visão de corpo, de sociedade a influência da mídia, do corpo, da mídia na sociedade, nas relações sociais e a visão que a sociedade coloca no jovem. Além desses conteúdos, os demais eu procuro trabalhar interdisciplinarmente, procurando

fazer uma socialização entre eles, o que acaba trazendo uma fraternidade maior entre eles. (Entrevistado 3)

Observa-se no relato dos três entrevistados, que as medidas que eles costumam utilizar nas aulas teóricas para tentar minimizar os conflitos, estão mais ligadas a conversas e atividades que possam ser trabalhadas em cima do conteúdo de corporeidade: na questão deles se veem de uma outra forma, e na forma em que eles enxergam o outro, na forma em que a sociedade e a mídia em um todo veem as pessoas, dentre esses aspectos.

Já nas aulas práticas, eles relatam que só costumam mais trabalhar essa questão, quando há algum episódio que seja considerado meio conflituoso, então esse é o momento em meio as atividades práticas eles param para conversar e resolver da maneira mais cabível, determinado conflito. Ou seja, esse é momento em que eles passam a exercer a função de mediador, em meio a questão do desentendimento.

Conforme relatado no decorrer do referencial teórico essas divergências de opiniões se faz bem presente em meio as relações pessoais, uma vez que cada um tem suas opiniões e conceitos diferenciados, nota-se assim que o conflito pode ser considerado algo natural, mas que precisa ser trabalhado, bem mediado e que sejam criadas maneiras das quais os conflitos sejam encarados de maneira positiva e como momento propício para que sejam tirados ensinamentos em meio a essas questões (MOFARREJ, 2017).

O questionamento a seguir foi elaborado com o propósito de saber quantas vezes era necessária a intervenção do professor e se realmente aconteciam essas intervenções.

Numa média de quantas vezes por aula você como professor(a) pausa a aula para conversar sobre a questão dos conflitos? (Pesquisadora)

Geralmente é na aula prática, quando surgem comentários e conflitos, aí tem o momento de mediação, onde eu converso e discuto e aí volta-se a atividade. Quando há um agravante maior eu chamo individualmente e converso, nunca chegou há acontecer algo extremo, mas se acontecesse algo há mais eu levaria a coordenação e aos pais, dependendo da situação e gravidade. Esses acontecimentos ocorrem de forma esporádica, tipo, uma vez a cada dois meses, é mais pela intensidade de alguma atividade, pode acontecer a qualquer momento. (Entrevistado 1)

Só no momento em que tiver havendo algum motivo, por exemplo esse ano todinho só aconteceu uma vez, devido essa agressão que aconteceu, nas aulas práticas nunca tive problemas com preconceito, de discussão, de bullying dentro das aulas práticas que a gente vivência, nas aulas de campo. (Entrevistado 2)

Na maioria das aulas não identifico esses conflitos propriamente ditos, há brincadeiras que eles mesmos dão a liberdade um para o outro, mas por aula vamos dizer que a cada três aulas quando identifico um conflito eu paro a aula. (Entrevistado 3)

Quando a ação docente é planejada, refletida, ela se aproxima mais de uma formação autônoma, pois cria um ambiente de reciprocidade de respeito mútuo, ao passo que, uma intervenção cercada de coerções, acaba por manter uma formação heterônoma, uma relação vertical, criando um respeito advindo de medo e ameaças (MARTINS, 2011).

Conforme relatado pelos entrevistados eles não costumam tanto em suas aulas práticas se programarem para conversar sobre as questões conflituosas, de maneira que essa questão passa a ser trabalhada mais, quando há alguma situação considerada conflituosa, não podendo assim precisar uma média específica em que essas questões são trabalhadas.

Faça suas considerações finais sobre esse assunto (Pesquisadora)

É muito interessante acompanhar nas redes de conversa dos meninos, algum tipo de comentário, brincadeiras, piadas no WhatsApp, então quando o professor participa de algum grupo, ele também esteja atento a está acompanhando esse grupo, realizando uma mediação, conversando. Existe o grupo do PIBID e em um desses grupos houve comentários pejorativos, algumas brincadeiras de cunho sexual e aí a orientação que eu fui buscar foi o regimento, chamei eles pra conversar e assinar uma carta de advertência colocando todos os tipos de preconceitos, condenando, abortando essa prática e deixando claro que naquele regimento da escola há finalidades que nós fizemos: advertência, suspensão e até transferência e aí depois uma conversa sobre o preconceito, sobre o respeito. Eles concordaram, compreenderam e assinaram essa carta, foi uma forma de mostrar que não é porque é um grupo de WhatsApp que se pode fazer qualquer tipo de comentário, se o professor está no grupo, se a escola está e a comunidade, então vale também todos os outros limites, todos os outros tipos de penalidade, de ver a questão das ocorrências em que ele virá a computar da mesma forma como se ele estivesse na sala de aula. (Entrevistado 1)

É um tema muito relevante, que realmente precisa ser melhor trabalhado dentro das escolas, pra combater mais essa questão de preconceito. (Entrevistado 2)

Os professores hoje em dia não estão tão preparados pra enfrentar, a escola não tem estrutura pra isso, os professores são muito lotados de aula e acabam não tendo tempo de trabalhar isso com os alunos, o professor não está devidamente preparado para lidar com isso, então eu acho que deveria ter um profissional para trabalhar essas questões. (Entrevistado 3)

No momento final de cada entrevista, foi cedido um espaço para que cada entrevistado, pudesse tecer seus comentários finais acerca do assunto. Para a primeira

entrevistada, faz-se necessário que o professor esteja atento a brincadeiras, piadas, comentários, principalmente se o professor vier a participar de grupos de *whatsapp* e demais redes sociais, no qual os alunos participem e que venham a acontecer algum evento considerado conflituoso, é necessário que o professor esteja atento e que procure tomar todas as medidas cabíveis, nas quais deveriam ser tomadas como se fosse uma situação de sala de aula, para que os alunos entendam que não é porque é uma rede social, que os mesmos não precisem se atentar para o que fazem e o que falam.

O entrevistado 02, faz seus comentários em torno da relevância desse trabalho, para ele, esse é um tema que precisa ser melhor trabalhado nas escolas, na perspectiva de combater a questão do preconceito.

O entrevistado 03 destaca a questão de que a escola e o professor não estão devidamente preparados para lidar com a questão do preconceito e com as questões conflituosas, para ele, o professor já possui bastante atribuição, de maneira em que não há muito tempo para se trabalhar com esses aspectos, o entrevistado ressalta a importância de haver um profissional específico para trabalhar essas questões com o corpo discente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muito se discute a respeito da educação brasileira, pois como se sabe, se comparada a outros países, a mesma não está na melhor colocação do ranking pois, são muitas as limitações existentes, faltam recursos: humanos, materiais, financeiros, dentre outros aspectos.

A profissão de professor é bem desafiadora, espera-se muito de tais profissionais que são bastante cobrados pelo desempenho dos seus alunos, e muito pouco se oferece em termos de condições de espaço, infraestrutura, recursos materiais, o salário em especial das escolas públicas não é tão motivador, e a profissão no mundo de hoje que se encontra tão violento acaba os expondo a situações de risco, sem contar que muitos professores ao longo do tempo acabam adquirindo doenças decorrente do seu trabalho estressante. Ainda assim, muitos professores acreditam que é através da educação que muitas situações do nosso país poderão mudar. Devido essas crenças os mesmos tentam burlar as dificuldades para procurar oferecer o melhor de si em prol da educação.

Mesmo com tantas atribuições que os professores possuem ao longo dos anos, aliado a isso acumulam mais responsabilidades. A questão da mediação é uma delas, pois

como se sabe, aqui no Brasil não existe uma profissão regulamentada de mediador de conflitos. Ou seja, não existe um profissional específico ao qual se atribua exclusivamente, a função de mediar conflitos, sobrando assim para o professor mais uma atribuição no meio de muitas outras.

Muito se espera do professor, que o mesmo esteja apto para solucionar os conflitos que acabam surgindo no ambiente escolar, mas como se sabe muitas vezes acabam fugindo ao controle. No entanto, não cabe somente ao professor, também não só a escola a incumbência de educar as crianças e os jovens. Sabe-se que para que o processo de desenvolvimento educacional cabe a escola, a família e a sociedade na qual o educando está inserido. Só assim, agindo essa tríade em conjunto de forma participativa e dinâmica é que o cenário educacional poderá possuir a possibilidade de mudanças significativa, principalmente na questão dos conflitos que ocorrem no espaço escolar.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, A. J. S.; LEHFELD, N. A. S. **Fundamentos de metodologia**: Um guia para a iniciação científica. 2 Ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- BETTI, M.; ZULIANI, L. R. **Educação física escolar**: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v.1, n.1,p.73- 81,2002.
- BRASIL. S. de E. **Parâmetros curriculares nacionais**: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CALDEIRA, A. M. S. **A apropriação e construção do saber docente e a prática cotidiana**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 95, p. 5-12, nov. 1995.
- CANESTRARO, J. F. DE; ZULAI, L. C; KOGUT, M. C.; **Principais dificuldades que o professor de educação física enfrenta no processo ensino-aprendizagem do ensino fundamental sua influência no trabalho escolar**. Educação: Teorias, Metodologias e Práticas; 2009.
- CERVO, A. L; BERVIAN, P. A; DA SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.162 p.
- DAMÁSIO, A. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- DANTAS, A. P. P. **O papel da inteligência emocional na gestão de conflitos**. 2017. PhD Thesis. Repositório Universidade do Minho. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/53945>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020

DEVRIES, R; ZAN, Betty. **Uma abordagem construtivista do papel da atmosfera sociomoral na promoção do desenvolvimento das crianças.** In: FOSNOT, Catherine T. Construtivismo. Porto Alegre: Artmed, 1998.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas.** São Paulo: Prentice Hall, 2004.

ETCHEPARE, L. S.; PEREIRA, E.F.; ZINN, J.L. **Projetos pedagógicos e educação nas séries iniciais do ensino fundamental.** Revista Digital, Buenos Aires, ano 9, n. 60, Maio, 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/>> Acesso em: 02 de março 2017.

FILHO, R. S.de A. **Gestão de conflitos em sala de aula: estudo em escolas do ensino Fundamental do Município de Igarapé Grande Maranhão – Brasil.** Escola Superior de Educação João de Deus Mestrado em Ciências da Educação Supervisão Pedagógica, 2021.

FONSECA, G. M. B. da. **O trabalho do supervisor escolar X Sala de aula.** Universidade Candido Mendes. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <[http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/T205502.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/T205502.pdf)> Acesso em: 28 de maio de 2017.

FURLAN, F; NASCIMENTO, FR do. **A pesquisa e o professor: desafio atual da educação.** 2017. Disponível em: [www.unifra.br/eventos/jornaldaeducacao](http://www.unifra.br/eventos/jornaldaeducacao). Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, p. 57-63, 1995.

GOLEMAN, D; BOYATZIS, R. **Emotional intelligence has 12 elements. Which do you need to work on.** *Harvard Business Review*, 2017, 84.2: 1-5. Disponível em: <https://www.proveritas.com.au/downloads/Emotional-Intelligence-12-Elements.PDF>. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

GOMES, F. do C. P. **Mediação de conflitos em contexto escolar.** 2017. Master's Thesis. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316/82324>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

GRESPLAN, M. R. **A Educação Física Escolar no processo educacional: Educação Física no Ensino Fundamental – Primeiro Ciclo.** São Paulo: Papirus, 2002.

FILHO, J. Pe. **Contornos no processo educativo.** In: JOSÉ FILHO, Pe. M.; DALBÉRIO, O. O desafio da pesquisa. Franca: Unesp-FHDSS, p.63-75, 2006.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

KUNZ, E. **Pedagogia crítico-emancipatória**. In: GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs). *Dicionário crítico de Educação Física*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005. p. 316-318.

JUNIOR, S.A., HAMMERSCHIMIDT, S. V., JÚNIOR, H. P., **Administrando conflitos internos dentro das empresas**. 2017. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO\\_EV117\\_MD1\\_SA17\\_ID10247\\_14092018213618.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_SA17_ID10247_14092018213618.pdf). Acesso em 04 mai. 2020.

LEITE, E. Dias; DA SILVA, M. J. P; DE AGUIAR PONTES, P. H. **O uso da inteligência emocional: como ferramenta da gestão pública na tomada de decisões**. *Revista Psicologia & Saberes*, 2019, 8.11: 305-319.

MARTINS, V. **Práticas de Valores na Escola**. Disponível em: <http://www.artigos.com/artigos/humanas/filosofia/a-pratica-de-valores-na-escola1831/artigo>. Acesso em 28 de fevereiro de 2022.

MARTURANO, E. M. **Recursos no ambiente familiar e dificuldades de aprendizagem na escola**. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 15, n. 2, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2002.

MOFARREJ, G. J. C. **Situações de conflito no contexto escolar: propostas dialógicas em busca da construção de cultura de paz**. Dissertação de Mestrado. PUC/SP, 2017.

NICOLAU, R. M. V. **A análise do modelo de mediação e conciliação proposto pelo CPC/2015 à luz do conceito de conflitos como propriedade**. *Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo*, v. 113, p. 811-825, 21 dez. 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rfdusp/article/view/156659>. Acesso em 27 de fevereiro de 2020.

Santos, L.S. **A mediação do professor na educação infantil: situações de conflitos entre crianças de 4 a 5 anos**. Araranguá, 2014. Dissertação (especialização em Docência na Educação Infantil) – UFSC.

SILVA, H. B. da. **Conflitos interpessoais em sala de aula: o que fazem os professores?**. Planaltina – DF. 2016. Disponível em: [http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14199/1/2016\\_HelenaBarrosodaSilva\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14199/1/2016_HelenaBarrosodaSilva_tcc.pdf). Acesso em 27 de fevereiro de 2020.

SILVA A. O. **A mediação de conflitos escolares: com a palavra os educadores**. Dissertação (Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa. IFSul. 2017. Disponível em: <http://dspace.unipampa.edu.br:8080/bitstream/riu/2457/1/AlexandreOliveiraSilva2017.pdf>. Acesso em 07 de fevereiro de 2020.

SILVA, J. M. et al. **Inteligência emocional/Emotional intelligence**. *Brazilian Journal of Development*, 2020, 6.1: 4152-4162. Disponível em:

<http://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/6393/5656>. Acesso em 15 de fevereiro de 2020.

SILVA, P. G. de O. **Ética e mediação de conflito no ambiente escolar**. 2017. PhD Thesis. Instituto Politécnico do Porto. Escola Superior de Educação. Disponível em: [https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10014/1/DM\\_PatriciaSilva\\_2017.pdf](https://recipp.ipp.pt/bitstream/10400.22/10014/1/DM_PatriciaSilva_2017.pdf). Acesso em: 27 de fevereiro de 2020.

SOUZA, R. A. de. **Educação Física, conflitos e cooperação – caminhos rumo a conquista da autonomia moral**. Itatiba: UNICAMP, 2013. Disponível em : < <http://www.conpuf.com.br/antiores/2015/artigos/25.pdf> > Com acesso em: 07 de abril de 2017.

QUINQUIOLO, N. **O Papel do professor como mediador de conflitos entre crianças da Educação Infantil**. Revista Ciências Humanas - Educação e Desenvolvimento Humano - UNITAU Disponível on-line no endereço <<http://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/331/219UNITAU>> Taubaté/SP - Brasil, v. 10, n 1, edição 18, p. 116 - 125, Junho 2017.

VINHA, T. P. **O educador e a moralidade infantil numa visão construtivista**. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

## APÊNDICE A – PERGUNTAS DA ENTREVISTA

1. Na instituição há relatos de conflitos interpessoais?
2. Com qual frequência são observados em meio as aulas de Educação Física, conflitos interpessoais, com atos considerados racistas ou preconceituosos?
3. Que medidas você como professor(a) realiza para que haja redução desses conflitos?
4. Numa média de quantas vezes por aula você como professora pausa a aula para conversar sobre a questão dos conflitos?
5. Faça suas considerações finais sobre esse assunto